

# Teocomunicação

Revista de Teologia da PUCRS

Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Escola de Humanidades

Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 1-3, janeiro-junho 2017

 <http://dx.doi.org/10.15448/1980-6736.2017.1.28413>

APRESENTAÇÃO

## Diálogos com Edith Stein e outros diálogos

### *Dialogues with Edith Stein and Other Dialogues*

Cássio Murilo Dias da Silva  
Editor

Filosofia, teologia, antropologia, biologia, psicologia: a busca da verdade é desafiadora e nenhuma forma de conhecimento é tão completa que não necessite dialogar com outros campos do saber na perseguição daquele objetivo. Entre erros e acertos, desvios e retomadas, o instinto humano pelo conhecimento e pela descoberta não se esgota em uma única epistemologia nem se satisfaz sempre com as mesmas respostas. Se é verdade que a única verdade que nos “sacia insaciavelmente” é Deus, é também verdade que nossa capacidade intelectual não o pode absorver plenamente nem de uma única vez. Nossa busca pela verdade plena é condicionada pela nossa própria limitação. Por isso, nada melhor do que dialogar, para que nos ajudemos mutuamente a completar o que falta em nossos esforços.

Os artigos deste número de *Teocomunicação* oferecem vários aspectos do diálogo entre os que buscam a verdade.

Nos três primeiros artigos, quatro mulheres pesquisadoras da filósofa Edith Stein nos oferecem três instigantes “diálogos steinianos”, apresentados no “Seminário Internacional de Antropologia Teológica: Pessoa e Comunidade em Edith Stein”, realizado nos dias 8, 9 e 10 de setembro de 2016, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Em “Pressupostos metodológicos para análise do fenômeno religioso”, Clélia Peretti discute os pressupostos metodológicos da filosofia fenomenológica de Edith Stein e Edmund Husserl à luz dos trabalhos de Angela Ales Bello. A fenomenologia husserliana e steiniana propõe uma análise antropológica como ponto de partida para o estudo das religiões. Esta “fenomenologia da religião” permite interpretar a atualidade e constatar a constante experiência humana do sagrado, uma experiência que, embora encontre as mais diversas explicações e reduções racionais, escapa sempre a todas elas ressurge sempre de novo e com mais vitalidade. Uma vez que filosofia e religião são dois caminhos distintos mas complementares na busca da verdade, é necessário tomar como ponto de partida o que eles têm de harmônico e considerar as diferenças como complementos mútuos.



Em seguida, Adair Aparecida Sberga nos propõe “Edith Stein em diálogo com Hedwig Conrad-Martius na interpretação da teoria do evolucionismo”. As duas amigas, ambas de origem hebraica, optam pelo cristianismo: Edith pelo catolicismo, Hedwig pelo protestantismo. Também nas concepções filosóficas elas dão passos em direções diferentes: Hedwig abandonou a fenomenologia transcendental de Husserl e desenvolveu uma “fenomenologia ontológica” ou “Realontologie”, fundada em investigações sobre a filosofia natural, a cosmologia, o espaço e o tempo. Não há de se admirar, portanto, que ambas as amigas tenham muito a dialogar a respeito do evolucionismo e do lugar do ser humano na natureza.

Aprofundando a discussão acerca da identidade do ser humano no pensamento de Edith Stein, Carolina de Resende Damas Cardoso e Marina Massimi nos oferecem “Causalidade psíquica e a fundamentação da psicologia científica segundo Edith Stein”. Mulher de seu tempo, Edith Stein não pode deixar de reagir à emergente psicologia experimental e propõe uma psicologia científica baseada na fenomenologia da pessoa humana. Argumentando que a psiqué humana não pode ser reduzida a um amontoado de associações, como fazia a inicial ciência da psicologia, Edith Stein advoga que é necessário elaborar rigorosamente o conceito de pessoa para integrar as mais diversas vivências do ser humano, as vivências imanentes e as vivências intencionais, de modo que a psicologia tenha uma fundamentação sólida e, ao mesmo tempo, possa dialogar autonomamente com as demais ciências da natureza e da cultura.

A necessidade de redefinir conceito de pessoa está presente na obra *Adversus haereses* de Irineu de Lião. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves e Leonardo Henrique Piacente, em “Antropologia espiritual de Irineu de Lião”, analisam a resposta deste autor apologeta ao insurgente gnosticismo do século II. Baseado principalmente nas cartas paulinas, Irineu advoga que o ser humano foi criado, modelado e conformado de tal modo pelo Criador que não é somente em parte semelhante a ele, mas semelhante em sua totalidade. Este todo é formado de corpo e alma, de tal modo unidos, que nenhum deles isoladamente é o ser humano perfeito. Por conseguinte, é necessário refutar a antropologia dos gnósticos, que defendiam o “ser humano pneumático” prisioneiro do mundo e do corpo, bem como a dos estóicos e epicuristas, que afirmavam a materialidade da alma. Para Irineu, é exatamente a união alma, espírito e corpo que torna o ser humano capaz de desejar e buscar a perfeição. Pela ação do Espírito, o ser humano torna-se imagem e semelhança de Deus.

A busca humana de tornar-se sempre mais imagem e semelhança de Deus deve ser aspecto essencial no processo de superação da divisão entre os que professam a fé em Cristo. Por isso, o diálogo entre os cristãos não pode versar meramente sobre questões teóricas. Nesta perspectiva, Tiago de Fraga Gomes propõe, em “Diálogo ecumênico, promoção humana e busca da paz”, a necessidade de um novo conceito da identidade cristã, que deixe de lado a polêmica e a apologética, e se funde na práxis da fraternidade, da justiça e da paz. Atitudes positivas e plenamente humanas, como confiança, esperança e serviço, são também plenamente cristãs e devem servir de base para a construção de um mundo menos desigual e excludente. Somente assim, o cristianismo evitará ser cúmplice do que Jesus combateu: o império da injustiça e da morte.

Para que os cristãos não percam o rumo neste caminho de construção do Reinado de Deus, é necessário distinguir entre o que é essencial e o que não é. Nesta linha, José Neivaldo de Souza discute “O essencial e o supérfluo na perspectiva de Lucas 7,38-50”. O episódio da visita de Jesus ao fariseu Simão, durante a qual uma pecadora lava os pés de Jesus e provoca um diálogo sobre perdão e condenação, serve de ponto de partida para afirmar a necessidade de a comunidade cristã “ser sinal remissão e de libertação

do mundo”. É urgente que os cristãos não se deixem levar pela lógica do consumismo, dos valores descartáveis, do comodismo e do ativismo. O episódio narrado por Lucas é paradigmático: Jesus nos ensina a superar o moralismo, a dureza de coração, a falta de acolhimento, a exclusão, o consumismo e o desperdício.

Por fim, como figura de mulher inserida em seu tempo e, por isso mesmo, aberta ao que Deus lhe sugere como projeto de vida a ser assumido, Diones Rafael Paganotto encerra este fascículo com uma análise do processo comunicativo do “Diálogo entre o Anjo e a Virgem” em Lc 1,26-38. Aproveitando as comemorações dos 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, no Brasil, e dos 100 anos do início das aparições na cidade de Fátima, em Portugal, Diones propõe uma leitura daquele que é um dos principais textos mariológicos dos evangelhos. Trata-se de uma interpretação baseada principalmente no método pragmaticolinguístico, que estuda o texto em busca de “modelos de ação” que o autor quer propor ao leitor, por meio de um efeito que não é somente cognitivo, mas principalmente ético. O diálogo entre o anjo e Maria apresenta-se, portanto, como um diálogo entre o divino e o humano, no qual a humanidade é convidada a assumir a resposta positiva e disponível ao projeto de Deus.

Com este número de *Teocomunicação*, reafirmamos nossas convicções de que é sempre necessário o diálogo acolhedor e aberto, de que a verdade não é posse de uma pessoa, de uma filosofia ou de uma igreja, e de que a busca da verdade deve ser motivadora de partilha das conquistas e não causa de preconceito e desprezo.